

MULHERES CAMPONESAS: PROTAGONISMO NA CONSTRUÇÃO DE SEUS TERRITÓRIOS

RURAL WOMEN: PROTAGONISTS IN THE CONSTRUCTION OF THEIR TERRITORIES

Recebido em: 04/03/2025

Aceito em: 16/09/2025

Publicado em: 23/12/2025

Nailson Gabriel Azedvedo de Souza¹ 

Instituto Federal de Educação do Pará

Regiara Croelhas Modesto² 

Instituto Federal de Educação do Pará

Jeane Cleide Bernardino Nascimento³ 

Instituto Federal de Educação do Pará

José Maria Ferreira Costa Júnior⁴ 

Instituto Federal de Educação do Pará

Resumo Este estudo tem como objetivo compreender a influência das mulheres camponesas no processo de formação do território de uma comunidade rural no Pará. Para tanto, o procedimento metodológico fez uso da história oral. As participantes foram uma professora e seis mulheres camponesas, sendo estas as moradoras mais antigas da comunidade. Os resultados revelam que o modo de vida e o trabalho das mulheres camponesas possuem uma relação intrínseca com a natureza e a agricultura, sendo a mandioca a cultura predominante no território. O conhecimento tradicional, construído ao longo de suas histórias por meio da observação e da experimentação é transmitido de geração em geração, com as mulheres desempenhando um papel fundamental nesse processo. O estudo deu voz a algumas dessas mulheres e reafirma a importância delas serem ouvidas. Além disso, destaca que a educação do campo é um espaço essencial de luta para assegurar o reconhecimento do protagonismo feminino, que contribui significativamente para a cultura e identidade do território.

Palavras-chave: Educação do Campo; Lutas de gênero; Memória; Oralidade; Identidade.

Abstract: The general aim of this study is to understand the influence of peasant women in the process of shaping the territory of a rural community in Pará. To this end, the methodological procedure made use of oral history. The participants were a teacher and six peasant women, the oldest residents of the community. The results show that the peasant women's way of life and work have an intrinsic relationship with nature and agriculture, with cassava being the predominant crop in the territory. Traditional knowledge, built up throughout their history through observation and experimentation, is passed down from generation to generation, with women playing a key role in this process. The study gave voice to some of these women and reaffirms the importance of them being heard.

¹ Graduando em Licenciatura em Educação do Campo, pelo Instituto Federal de Educação do Pará. Participou do Programa de Residência Pedagógica (2023-2024). E-mail: nailsona008@gmail.com

² Professora EBTT do Instituto Federal de Educação do Pará e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo e Desenvolvimento Sustentável na Amazônia (Lato sensu) do IFPA, ambos do Campus Castanhal, Doutorado em Agronomia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). E-mail: regiara.modesto@ifpa.edu.br

³ Professora EBTT do Instituto Federal de Educação do Pará e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo e Desenvolvimento Sustentável na Amazônia (Lato sensu) do IFPA, ambos do Campus Castanhal, Doutoranda em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares. E-mail: jeane.nascimento@ifpa.edu.br

⁴ Professor EBTT do Instituto Federal de Educação do Pará e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo e Desenvolvimento Sustentável na Amazônia (Lato sensu) do IFPA, ambos do Campus Castanhal. Mestrado em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: jose.costa@ifpa.edu.br.

In addition, it also highlights that rural education is an essential area of struggle to ensure the recognition of female protagonism, which contributes significantly to the culture and identity of the territory.

Keywords: Rural education; Gender struggles; Memory; Orality; Identity.

INTRODUÇÃO

Cada espaço traz consigo memórias que marcam vidas, constroem e reconstróem territórios. Neste sentido, a resistência das mulheres rurais se mantém viva na luta pela terra – em particular, pela reforma agrária, incluindo nessa luta a educação do campo, das águas e das florestas. Neste contexto, este estudo está voltado para a discussão em torno de entendermos o processo de construção do território camponês, em uma comunidade rural no estado do Pará. O tempo verbal “entendermos” (primeira pessoa do plural do futuro do subjuntivo de entender) inclui um educando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo no processo de imersão em sua realidade, com aporte em Velho (1978), em função do envolvimento inevitável com o objeto de estudo, pois sua matriarca é uma das mulheres da resistência.

O interesse por essa temática surgiu a partir da compreensão da importância de trazer para as salas de aula das escolas do campo, das águas e das florestas, as histórias de vida de mulheres camponesas agentes na construção do território camponês. E para tanto, é necessário conhecer a história de vida de cada uma delas. Além disso, busca-se uma maneira de serem visibilizadas e valorizadas pelo seu papel na sociedade, e ao mesmo tempo, procura-se estabelecer um vínculo com a educação do campo, reforçando e fortalecendo a identidade dos estudantes como agentes de transformação, tanto em seu meio quanto na sociedade como um todo.

A construção do território camponês resulta do enfrentamento das contradições inerentes ao modelo de desenvolvimento que impõe relações de poder baseadas em modelos hegemônicos, como aqueles estabelecidos pela Revolução Verde. Esse processo levou os agricultores à dependência dos pacotes tecnológicos difundidos naquele período, condicionando sua permanência na atividade agrícola (Jesus *et al.*, 2013). Tal dependência reflete uma estrutura de poder que limita a autonomia dos camponeses, restringindo suas opções e transformando a continuidade de sua prática no campo em uma imposição tecnológica.

Essa construção, em relação ao território, é feita a partir das lutas sociais e do trabalho de famílias camponesas que permanecem no campo. Nesse sentido, a agricultura camponesa se constitui em um modo de vida e de busca do bem viver que faz o uso sustentável dos recursos naturais. As tentativas de resistência dos camponeses buscam uma nova concepção de organização social como forma de superar as imposições da subordinação do capital. José Vicente Santos (1978) descreve as formas de produção camponesa:

O camponês é a personificação da forma de produção simples de mercadorias, na qual o produtor direto detém a propriedade dos meios de produção – (terra, objeto de trabalho e outros meios de trabalho) – e trabalha com estes meios de produção. Esta combinação de elementos faz com que o camponês se apresenta no mercado como vendedor dos produtos do seu trabalho, como produtor direto de mercadorias. Como produtor, venderá seus produtos para adquirir outros, qualitativamente diferentes, que possam satisfazer suas necessidades de consumo individual ou produtivo (Santos, 1978, p. 69).

Desse modo, por um lado, é deveras importante desenvolver os territórios camponeses pela construção de suas experiências e pela demonstração da relevância da agricultura camponesa para toda a sociedade. De outro lado, é igualmente importante conduzir o trabalho pedagógico, as intenções por trás dele e as relações estabelecidas entre a escola, as famílias e a comunidade, fundamentais para uma aprendizagem significativa dos estudantes.

Nesta direção, as mulheres camponesas exercem papéis fundamentais dentro do espaço de formação dos seus territórios, pois elas moldam por dentro e por fora cada processo de luta pela terra, pela igualdade, pelo protagonismo, pela visibilidade e pelo acesso às políticas públicas, entendendo isso como imperativo para a garantia de direitos dos sujeitos do campo. Todas essas ações são realizadas por elas, sem o abandono da luta pela terra e sem estar ao lado da família, mas simultaneamente, nos espaços da casa, nas organizações sociais e na escola, na tentativa de unir todos para a luta coletiva.

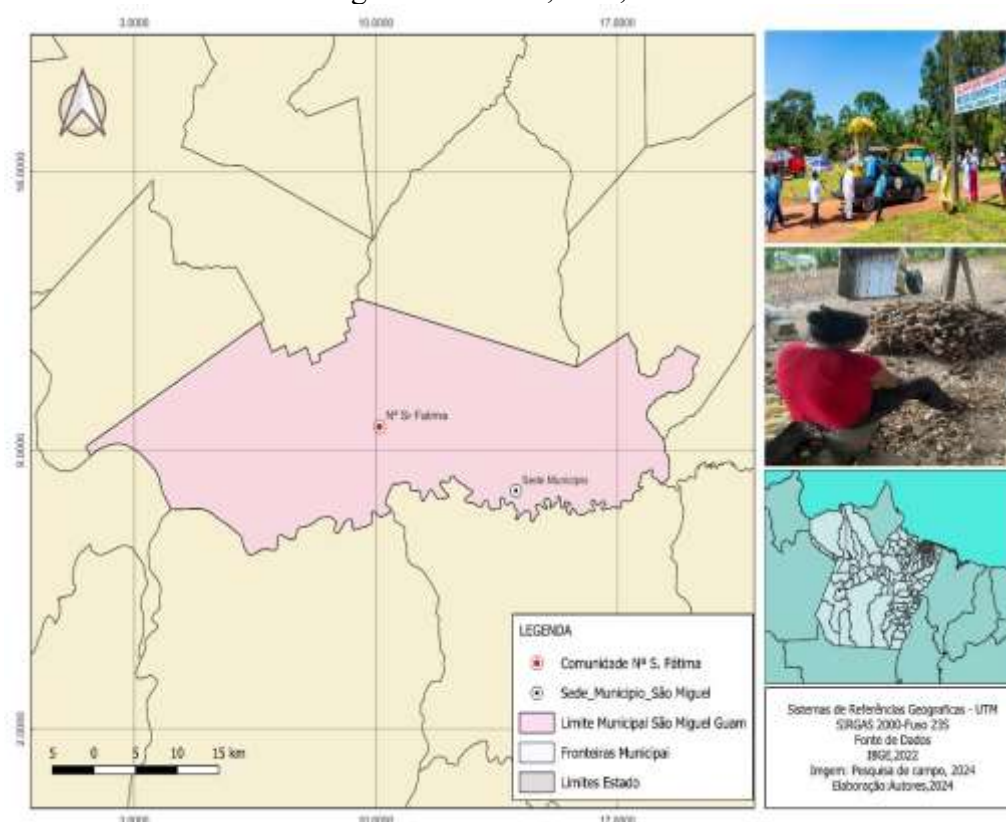
Assim, o objetivo deste estudo foi compreender a influência das mulheres camponesas no processo de formação do território de uma comunidade no Pará, a partir de suas vivências no contexto dos processos de produção, individuais ou coletivos. Diante disso, foi necessário elaborar dois objetivos específicos capazes de contribuir com essa construção: 1) Identificar as principais atividades produtivas desempenhadas pelas mulheres camponesas na comunidade; 2) Descrever as experiências e trajetórias de vida dessas mulheres no contexto dos processos produtivos; 3) Apresentar o papel das mulheres na transmissão dos saberes, bem como na preservação dos modos de vida camponesa; 4) Contribuir para a valorização e o reconhecimento do papel das mulheres na formação e manutenção do seu território.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo fez uso da História Oral: esta, segundo Gonçalves e Lisboa (2007, p.83), "dá voz aos sujeitos até então invisíveis". Do mesmo modo, conforme Marques e Satriano (2017, p. 377), "a pesquisa narrativa oportuniza o encontro do individual e do coletivo visto que o narrador traz a marca do singular em sua narrativa, ao mesmo tempo em que traz a marca da cultura, da história, do contexto".

O universo da pesquisa foi composto por seis agricultoras camponesas e uma professora da comunidade Nossa Senhora de Fátima, no município de São Miguel do Guamá, região intermediária e imediata de Castanhal, sendo as agricultoras as moradoras mais antigas da comunidade. A comunidade está localizada a 15 km da sede municipal, e o município fica a aproximadamente 147 km da capital, Belém. Regionalmente, é conhecida como a capital da cerâmica vermelha, tendo na indústria cerâmica sua principal fonte de renda (Figura 1).

Figura 1 – Mapa de localização da comunidade Nossa Senhora de Fátima, município de São Miguel do Guamá, Pará, Brasil.



Fonte: Talita Vieira Aranha (2025).

O percurso metodológico teve início com a pesquisa bibliográfica sobre território e educação do campo. As diferentes abordagens sobre território apresentadas neste estudo, além de sua fundamentação teórica, baseiam-se também nas vivências e nos relatos de camponesas com as quais tivemos a oportunidade de dialogar durante as visitas à comunidade.

Em seguida foi definida a elaboração do roteiro de entrevista, composto de seis perguntas: i) Como se deu o processo de formação do seu território? ii) Quais são as principais atividades produtivas desempenhadas pelas mulheres camponesas na comunidade? iii) Como as mulheres camponesas ingressaram nas atividades produtivas da comunidade? iv) Quais saberes são transmitidos pelas mulheres camponesas? v) Como ocorre essa transmissão entre

as gerações? vi) De que maneira as relações de gênero influenciam a atuação produtiva das mulheres?

As narrativas das camponesas foram devidamente transcritas, para marcar na voz o lugar de quem fala, e ao mesmo tempo garantir a leitura e entendimento das histórias contadas. A transcrição não é somente um processo técnico, envolvendo a passagem do oral para o escrito: trata-se de manter a narratividade, sem passar por filtros, por códigos da norma culta da língua. A análise das vozes partiu das narrativas, em áudio ou digitadas, todas com a anuência das mulheres camponesas, dada através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Uso de Cedência da Voz (UCV).

AS VOZES DAS MORADORAS MAIS ANTIGAS DA COMUNIDADE

Independentemente do lugar, discutir sobre a importância do território para os sujeitos do campo, requer conhecer o relato de suas experiências vivenciadas ao longo da vida. As narrativas das mulheres camponesas ouvidas, registram como ocorreu o processo de desenvolvimento da comunidade Nossa Senhora de Fátima, Ramal Boa Vista.

Os primeiros processos de desenvolvimento do meu território foi que há 48 anos atrás quando cheguei aqui era tudo fechado, era só mato, uma mata grande, não tinha de abertura, tinha um povo muito pequeno, uma quantidade de pessoas minúsculas e eles eram muito acomodados, aí meu pai foi quem abriu os olhos e os serviços por aqui. os trabalhos foram se desenvolvendo e com isso foi crescendo e se modificando nosso território. Através da agricultura que fomos evoluindo e crescendo por aqui. depois de plantarmos a mandioca, descobrimos que havia possibilidade de plantar algodão, e também milho e outros. Mas, como falei, não tinha nada, só com o passar desses anos que foi se desenvolvendo (Maria Domingas Santana Azevedo, 50 anos).

Enquanto Maria Domingas Santana Azevedo descreve o início do processo de desenvolvimento através da agricultura e do trabalho árduo da comunidade, Flaudizinha Lopes Travassos, na sua fala a seguir, expande essa visão. Destaca a chegada de serviços essenciais, como energia elétrica e internet, que contribuíram para uma transformação ainda mais significativa do território ao longo do tempo.

O desenvolvimento do meu território foi chegando aos poucos, antes não tinha quase nada, lembro que tinha os rádios chamado camponês, logo depois chegou a energia, depois o posto de saúde, as escolas e uma conquista que tivemos um pouco recente foi a internet porque antigamente não tinha. Então de lá para cá se desenvolveu bastante meu território (Flaudizinha Lopes Travassos, 58 anos).

Essa perspectiva de mudança gradual é aprofundada por Davina dos santos, que ao relatar suas memórias do passado marcado pela dificuldade de acesso à cidade e à falta de

estrutura básica, contrasta com a realidade atual, na qual a comunidade conta com escolas, postos de saúde e mercados, embora reconheça ainda haver muito a ser feito.

Do zero, nasci e me criei aqui, nesse tempo era muito atrasado, nesse tempo pra irmos à cidade tinha que ir de barco, para chegar na capital era 8 dias pra poder chegar lá, a igreja era só um galpão grande onde escutamos através de um rádio que um morador da comunidade possuía, não tinha escola e vinha uma professora de São Miguel dar aula em um galpão que pertencia a comunidade, eu só pude estudar até a 3 série do ensino fundamental. Nesse tempo não tinha as oportunidades que tem hoje, porque quem estudava não podia trabalhar ou vise versa. hoje em dia já tá bem diferente, porque a gente vivia antes hoje tá muito bom, já tem escolas, tem posto de saúde, tem mercados, graças a deus nossos filhos já estudam, então muita coisa melhorou mas outras não, precisa melhorar mais (Davina dos Santos Farias, 66 anos).

De acordo com as falas, o território está relacionado, diversificadamente, com caráter político do território, abordado por Raffestin (1993). Nas palavras do autor:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço (Raffestin, 1993, p. 143).

Dentro dessa concepção enfatizada pelo autor, a construção do território revela relações marcadas pelo poder. Nesse sentido, é fundamental destacar uma categoria essencial para a compreensão do território: o poder exercido por pessoas ou grupos, sem o qual ele não se define. No decorrer dessa construção, as narrativas apresentadas evidenciam aspectos marcantes, como a idade em que as camponesas ingressaram nas atividades agropecuárias, sua participação em movimentos da igreja e as transformações na paisagem ao longo dos anos. A partir das duas narrativas a seguir, é possível perceber como a comunidade evoluiu de um cenário inicial, caracterizado pela falta de infraestrutura e serviços básicos, para um contexto de crescimento e desenvolvimento, impulsionado pela agricultura e pela ampliação dos serviços públicos.

Sou agricultora desde que me entendo por gente, nunca trabalhei empregada, somente no roçado com meus pais, em relação a essa pergunta, quando eu me entendi por gente já existia algumas coisas na comunidade, mas algo pouco sabe?! Não tinha muito desenvolvimento, mas com o passar desses anos as coisas foram mudando e já estamos com uma comunidade bem desenvolvida, com muita gente, escola e mercadinho, onde de vez em quando compro algumas coisas, porque como já sou aposentada prefiro ir receber meu dinheiro na rua mesmo (Alzira Travassos Lopes, 76 anos).

Eu e meu filho sempre moramos aqui no interior. Eu sempre trabalhei na roça, meus pais sempre trabalharam também. Eu não tive muita oportunidade de estudar. Estudei apenas até o 6º ano, porque nesse tempo não tinha toda essa facilidade que existe hoje. Naquele tempo, as coisas eram mais difíceis. Comecei a ir pro roçado com meus pais, e desde então não parei mais. Agora já com essa idade que já não trabalho mais, a

gente vai ficando mais velha, vai ficando fraca, perdendo a noção de muitas coisas. Mas aqui, na comunidade nossa Senhora de Fátima, eu sempre ia pra igreja desde pequena eu frequentava, isso porque meus pais me levavam. Eu me recordo, vagarosamente, que quando eu era adolescente, eu estudava, ajudava meus pais e ainda ia pra igreja, nossa rotina semanal era essa. Era uma maneira de se juntar e resistir, pra viver. Vivemos da terra. Da lida. Da luta. Aqui na minha comunidade nós mulheres somos muito guerreiras, porque não era fácil nesse tempo e até agora ainda é um pouco difícil as coisas para nós. Mas a agricultura nos sustenta e nos fortalece. A comunidade Nossa Senhora de Fátima também é conhecida como Ramal Boa Vista. Um dos fundadores daqui era meu parente, que Deus tenha a alma dele em um bom lugar. Quero deixar aqui meus agradecimentos às pessoas que fundaram esta comunidade, aqui é um lugar muito bom de viver, eu amo morar aqui. Eu posso dizer que aqui onde eu moro é um paraíso, aqui tem paz, eu vivo da minha aposentadoria, graças a Deus que eu trabalhei muito e pude me aposentar na idade certa. Aposentadoria rural. Eu sou do rural (Osmarina Guedes, 78 anos).

As palavras de Osmarina Guedes, vivas e fortes, registram que o modo de vida e trabalho delas, no território, tem uma intrínseca relação com a natureza e a agricultura. Neste sentido, pensando nas possibilidades do trabalho como campo formativo, vemos a necessidade da valorização da agricultura familiar, não apenas na produção de alimentos, mas pela função de geração de postos de ocupação e renda, pela cultura e tantos outros aspectos necessários ao bem viver das famílias que vivem no campo.

Para Gudynas (2011), o bem viver se distingue dos discursos, os quais celebram o crescimento econômico ou o consumo material como indicadores de bem-estar, e suas referências à qualidade de vida passam por outros caminhos. O bem viver pressupõe um bem-estar comunitário, que abrange as relações do ser humano entre si e que se estende a toda a natureza e às demais formas de vida.

Nesta perspectiva, segundo Haesbaert & Porto-Gonçalves (2006), é no campo da construção de novas subjetividades que os processos de transformação se constroem. Essas transformações estão entrelaçadas as lutas dos movimentos sociais e que trazem esses contextos de ocupação e uso, estabelecendo uma relação de poder e que são construídas a partir das contradições econômicas, que implica em dizer que a mobilização dos diversos movimentos camponeses nessas últimas décadas, vem demarcando novos territórios e que essa construção de assentamentos rurais, e outras categorias de trabalhadores camponeses procuram resistir e fazer com que as pessoas permaneçam vivendo no campo.

Neste contexto, as narrativas das entrevistadas, apresentam muitas conquistas que a comunidade já obteve, com destaque para a construção da Escola Municipal de Ensino Fundamental Aristides Joaquim Soares, embora elas não tenham apresentado o histórico da escola. Assim, para que pudéssemos contar sobre essa construção histórica, buscamos uma nova narrativa, a da professora Euzete Santana Guedes:

No início da construção do território, a escola funcionava em um galpão grande e aberto onde vinha uma professora da cidade de São Miguel do Guamá. Essa situação ficou assim por anos, até a fundação da escola, que ocorreu no ano de 1974, porém já funcionava como instituição de ensino desde 1992, na casa de um morador da comunidade conhecido como Sr. Raimundo Nonato Soares, atendendo um número de vinte e cinco alunos em uma turma multisseriada de alfabetização da 4ª série do ensino fundamental, tendo como a primeira professora Irene Maria Barbosa, e qual tinha apenas a 5ª série ginásial. No ano seguinte, foi construído pelos pais de aluno, um barracão cujas paredes eram de barro e a cobertura de cavaco⁵, onde foram ministradas aulas por apenas um ano, já que no seguinte, o poder administrativo municipal priorizou a construção e posteriormente a inauguração do prédio oficial da escola com apenas uma sala de aula e uma cozinha. Após a inauguração, aumentou o número de alunos surgindo a necessidade de mais uma professora. Como na comunidade não existiam pessoas com instruções necessárias para assumir as turmas, vinham professores de outras localidades e com isso, trocava-se de professora quase todos os anos. Com o aumento da demanda, surgiu a necessidade de ampliação de mais uma sala de aula, e assim se sucedeu. Em 1988, a professora Maria Antônia Teixeira Guedes, moradora da comunidade, assumiu a turma e ainda permanece até os dias atuais, juntamente com a professora Raimunda Ramos de Lima, que começou a trabalhar nesta escola no ano de dois mil e nove (2009). Atualmente, a escola funciona nos turnos da manhã e tarde, atendendo alunos de 1º ao 5º ano/9, divididos em turmas multisseriadas com a faixa etária de 03 a 13 anos de idade. Em 2024, a escola atendeu um total de 15 alunos matriculados. O quadro de professores é composto por duas professoras efetivas e uma cuidadora. Todas as professoras são pessoas que moram na zona rural do município de São Miguel do Guamá e que têm formação para atuarem na docência.

As narrativas transcritas apresentam a importância das mulheres em diferentes contextos e épocas. Neste sentido, para iniciar a reflexão sobre gênero e a resistência camponesa, optamos por fazer um recorte temporal, adotado o período do início da comunidade, que de acordo com dona Osmarina, a entrevistada mais antiga, data dos anos 1974. De acordo com Meneghel, Mueller e Collaziol (2013, p. 02), “é na década de 1970 que a violência contra a mulher é visualizada, de maneira que deixa de ser uma questão tratada no âmbito privado para constituir assunto de domínio do Estado”. Nesse período, foram problematizadas, principalmente, as liberdades democráticas, e é no ano de 1975, considerado como marco do início do Movimento Feminista no Brasil, que a questão da mulher é de fato colocada como obrigatória (Rinaldi, 2007).

Tal movimento é um elemento norteador da compreensão das questões de gênero relacionadas à Educação Popular. De acordo com Scott (1997), a questão de gênero está relacionada ao modo de como a sociedade constrói as representações sobre o ser mulher e o ser homem, ou seja, as relações de gênero são características atribuídas a cada sexo pela sociedade

⁵ Os cavacos são pequenos pedaços de madeira, obtidos a partir da picagem de toras de madeira, sobras de processos de fabricação de produtos de madeira maciça e resíduos de árvores urbanas, que podem ser utilizados em diversos tipos de telhados, de casas ou benfeitorias rurais (Pinheiro *et al.*, 2012).

e sua cultura, entendendo gênero como uma construção social e histórica. Assim, o gênero é, segundo definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

Tais imposições colocam as mulheres no âmbito contra hegemônico, que se dá tanto por meio de sua organização e da reivindicação de direitos negados a ela historicamente, quanto por seus conhecimentos tradicionais construídos através da vida em comunidade embora haja imensas dificuldades práticas, especialmente a invisibilização de seu trabalho, conforme destaca-se nas seguintes falas:

Existe diferença, porque muitas famílias às vezes o marido não quer, não aceita ganhar menos que a mulher, sempre o homem que ter essa capacidade de que ele é o homem então ele tem que tá no topo, ele tem que ser o maior, ele tem que ganhar mais, ele tem que fazer isso ou aquilo e a mulher tem que andar submissa a ele, não são todos tem muitos que não, que já vê a mulher no trabalho ganhando bem ou igual a ele como uma ajuda para família, uma renda familiar. Já a maioria quer que a mulher fique ali (Euzete Santana, 60 anos).

Não sei se estou certa, mas a meu ver ainda existe uma desigualdade de gênero no meu território, mas principalmente na relação de trabalho, porque muitos homens fazem o mesmo trabalho da mulher e querem ganhar mais, sendo que o trabalho é o mesmo. Falando um pouco de antigamente, essa relação era tão intensa, não sei se é a palavra certa, mas não tinha toda essa rivalidade e disputa entre os dois gênero, já agora vejo que por mais que seja pouco essa relação acaba que atrapalha na vivência de muitos, mas mesmo assim ainda tem essa desigualdade (Maria Domingas, 50 anos).

Euzete Santana, por exemplo, observa: no início, muitos homens não aceitavam a ideia de ganhar menos que suas esposas, acreditando no seu papel sempre de principal provedor. Ela reconhece que, embora essa visão ainda persista em muitas famílias, há uma mudança perceptível, em que o trabalho feminino passou a ser valorizado como uma contribuição para a renda familiar. No entanto, essa resistência à equidade salarial e de funções no trabalho ainda é um reflexo de uma realidade antiga, algo também destacado por Maria Domingas.

O povo olha e diz que a relação do homem com a mulher no mundo do trabalho hoje ainda é muito boa, mas vejo que ainda existe essa desigualdade entre os dois principalmente quando parte do homem, porque muitos querem fazer o mesmo trabalho que as mulheres, mas querem ganhar mais, sendo que o trabalho é o mesmo. eu trabalhei por muito tempo na roça e sempre meu pai me ensinou a valorizar e respeitar todos seja criança ou idoso ou independente do trabalho que eles estejam fazendo (Davina Farias, 60 anos).

Aqui, essas relações de gêneros não são enxergadas com tanta clareza, mas aos poucos vai chegando os conhecimentos, ainda existe sempre o preconceito, né? e sempre vai existir (Flaudizinha Lopes, 58 anos).

Ao ouvir as mulheres entrevistadas, dois momentos se destacam de forma muito marcante: o "antigamente" (passado) e o "agora" (presente). Nas narrativas orais, torna-se

evidente que, no passado, as mulheres não receberam o devido valor, respeito e, tampouco, uma remuneração justa pelo trabalho desempenhado, apesar de realizarem as mesmas atividades que os homens. Por outro lado, as vozes dessas mulheres revelam que ainda persiste a falta de sensibilidade em relação ao trabalho desempenhado pelas camponesas. Muitas vezes, os homens acreditam ter o direito de receber remunerações maiores e de serem mais valorizados, embora essa discriminação, atualmente, ocorra de forma mais sutil. As mulheres, em especial as do campo, das águas, das florestas, permanecem tendo múltiplas tarefas, e ainda enfrentam preconceito de gênero.

Portanto, existe um forte vínculo entre o educador do campo e as relações de gênero. Precisamos desnaturalizar a ideologia dominante da inferioridade da mulher, e iniciar pelo menos uma inquietação por parte dos sujeitos envolvidos. Como afirma Freire (2003), o ato de estudar, refletir e desenvolver a curiosidade diante da realidade para conhecê-la melhor e criar e recriar críticas construtivas são características da mulher nova e do homem novo. Sobre essa temática, Caldart (2003), pontua:

As pessoas se educam nas ações porque é o movimento das ações que vai conformando o jeito de ser *humano*. As ações produzem e são produzidas através de relações sociais: ou seja, elas põem em movimento um outro elemento pedagógico fundamental que é o convívio entre as pessoas, a interação que se realiza entre elas, mediada pelas ferramentas herdadas de quem já produziu outras ações antes (cultura); nestas relações as pessoas se expõem como são, e ao mesmo tempo vão construindo e revisando suas identidades, seu jeito de ser (Caldart, 2003, p.54).

Neste contexto, retomamos a importância das mulheres no bem viver em seus territórios, não apenas nas questões relacionadas aos homens e às mulheres, mas também nos aspectos da diversificação da produção, do saber fazer, só ensinar, da soberania alimentar, e no reconhecimento da importância no sentido relacional com o trabalho e a produção, conforme apresentado nas narrativas a seguir. Maria do Socorro compartilha a importância do trabalho na agricultura familiar, envolvendo os filhos em todas as etapas, como a capina e a colheita. Para Flaudizinha o trabalho no campo é também um meio de ensinar os filhos a preservarem os saberes familiares.

Aqui no meu território, onde eu moro, onde eu vivo, os trabalhos que desenvolvo, além de eu ser doméstica, de cuidar da minha casa, eu também trabalho, né? Na agricultura familiar. Que eu planto maniva, capino e adubo, adubo roças, tiro, faço goma e farinha de tapioca. Eu tenho o conhecimento daquilo que eu sei, né? E daquilo que a gente vive aqui e faz. Eu participo da gestão da propriedade que a gente vive desde o início. Porque essa propriedade é uma herança, né? Herança do meus pais. Então, desde que a gente herdou essa propriedade, a gente vive aqui, a gente cuida da propriedade, eu e meu esposo e depois os nossos filhos cresceram. E também nos ajudaram até o momento que eles saíram (Maria do Socorro Santana de Azevedo).

Eu produzo na minha Terra. É mandioca, aí enquanto a mandioca cresce, eu planto melancia. Planto, abóbora, um jambu, cariru, essas hortaliças que é para a gente ter no nosso dia a dia, para ajudar na nossa alimentação. Pois é, atividades é, eu cuido da casa, né? Porque eu sou dona de casa, mas eu tenho aqui no meu, no meu sítio, eu crio galinha, eu crio porco. A gente tem uma pequena plantação de açaí também, que dá para o nosso sustento. Eu acredito que eles [os filho] aprendem primeiro vendo a gente fazer. Não é? porque desde pequeno a gente faz questão de levar eles pra roça, para eles virem, como é que faz a derruba primeiro, né? Como é que faz a queima do chão? Depois é a coivara, que é a coleta do que foi queimado, né? Pra poder limpar o chão para poder então plantar. E aí, como é que a gente faz? A gente ensina eles a fazer as covas é em carreira, ensina a cortar. Acha da maniva no tamanho certo? Ensina é quantos pedaços de hastes vai em cada cova e no momento que amaniva começa a grelar, aí chega o momento de você fazer a primeira capina, né? E eles também participam desse processo. Após isso, tem a questão da adubação, né? Que a que a gente liga com adubação orgânica, ou seja, a gente usa a própria capina, que a gente faz para adubar os pés da maniva. O próprio mato que tira da capina, a gente coloca no pé da maniva que essa é a nossa adubação. Então, em todos esses processos, meus filhos estão presentes. E após isso, quando chega a época da colheita, que a gente vai retirar, a gente ensina também. É a quantidade, tipo eu quero fazer um saco de farinha. Só um exemplo, a gente já sabe a quantidade certa de quanto a gente vai tirar de maniva para poder fazer esse saco de farinha (Flaudizinha Lopes Travassos).

Davina dos santos, por sua vez, compartilha sua experiência com a criação de galinhas e o cultivo de açaí e cupuaçu. Para ela, a participação de todos nas tarefas agrícolas é uma forma de manter o legado de geração em geração.

Eu produzo no meu território. Eu cultivo açaí, cupuaçu, laranja, caju e além disso, também tenho a criação de galinhas. Todas essas atividades eu falei são de minha responsabilidade. Eu que mando roçar, eu que cuido das galinhas. Eu participo da gestão da propriedade, juntamente com meu marido. É, mais na parte financeira, né? [risos]. Eu aprendi com os meus pais a planta maniva. Eles faziam esse trabalho, né? Mas, os meus filhos aprenderam com o pai deles. Mais o Moises, as meninas não. Mas eles não aprenderam diretamente comigo. Eu? Diretamente não. Mas foi transmitido esse conhecimento para os nossos filhos, levando eles pro roçado, para eles verem de que forma acontecia o trabalho.

De acordo com as mulheres entrevistadas, o principal produto cultivado na comunidade Nossa Senhora de Fátima é a mandioca, a qual é destinada tanto ao consumo local quanto à comercialização (Figura 2). Tomando como referência as falas das camponesas, especialmente de Osmarina Guedes, na qual ela diz: “vivemos da terra. Da lida. Da luta. Aqui na minha comunidade nós mulheres somos muito guerreiras, porque não era fácil nesse tempo e até agora ainda é um pouco difícil as coisas para nós. Mas a agricultura nos sustenta”, é possível perceber a importância da cultura para as mulheres do território. Ela completa, dizendo: [a agricultura] “nos fortalece”.

Figura 2 – Etapas da produção manual de farinha de mandioca realizadas pelas mulheres camponesas.



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Como as narrativas apontam, nota-se um importante protagonismo dessas mulheres que colabora fortemente para a cultura e identidade do grupo. É importante salientar que essas mulheres além de realizarem trabalho doméstico, também atuam no processo produtivo familiar na produção da farinha de mandioca, tucupi, farinha de tapioca, extração de goma, além do plantio e colheita. Todas essas etapas apontam o trabalho árduo e significativo na transmissão de saberes, no fortalecimento da identidade campesina e reforçam o protagonismo dessas mulheres. Ademais, os produtos fabricados, são destinados tanto para consumo quanto para comercialização, segundo relatos das agricultoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender o protagonismo das mulheres na formação e manutenção de seu território, a comunidade Sagrada Família, e ao longo da investigação, foi possível perceber que as mulheres camponesas desempenham um importante papel na construção do território, e essa posição se mantém no seu fortalecimento, uma vez que elas são agentes ativos na manutenção da cultura, preservação de conhecimentos tradicionais, e da organização social no campo, mesmo enfrentando desafios como a desigualdade de gênero e a invisibilidade de seu trabalho.

Neste sentido, este estudo deu voz a algumas mulheres camponesas, reafirmando a importância de que sejam ouvidas e respeitadas. Seu protagonismo não apenas fortalece sua comunidade, mas também impulsiona mudanças estruturais voltadas à promoção de maior justiça e equidade no campo. Sendo assim, a educação do campo se configura como um espaço

de luta pelo reconhecimento e fortalecimento da autonomia das mulheres camponesas, visando garantir a continuidade de suas contribuições essenciais para a vida no campo.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento**: escola itinerante e o MST. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Tereza Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 10, n. spe, p. 83–92, 2007.

GUDYNAS, Eduardo. **Buen vivir**: hoje e sempre. Fundação Rosa Luxemburgo, 2011.

HAESBAERT, Rogério; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

JESUS, José Newton; CALAÇA, Marcos; SILVA, Luís Gonzaga da. O território camponês em construção: utopias e contradições. **Revista Territorial**, Goiás, v. 2, n. 2, p. 211–229, jul./dez. 2013.

MARQUES, Virgínia; SARTRIANO, Cláudio. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 23, n. 51, p. 369–386, jun. 2017.

PINHEIRO, César et al. Produção de telhas de madeira (cavacos) por comunidades rurais da Amazônia: uma alternativa de renda para o pequeno produtor florestal no manejo florestal comunitário e familiar. **Boletim Técnico IFT**, n. 05, 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RINALDI, Clarice. **Educação do campo**: trajetórias e desafios. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, José Vicente Torres, dos. **Colonos do Vinho**: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês à capital. São Paulo: Hucitec, 1978.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.